

COMO USAR A LINGUAGEM PARA PRECISAR O MOVIMENTO: UMA DISPUTA ENTRE PLATÃO E HERÁCLITO*

HOW TO USE LANGUAGE TO EXPLAIN THE MOVEMENT: A DISPUTE BETWEEN PLATO AND HERACLITUS

VIEIRA, C. O. (2015). Como usar a linguagem para precisar o movimento: uma disputa entre Platão e Heráclito. *Archai*, n. 15, jul. – dez., p. 97-104

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_15_9

** Grupo “Filosofia Antiga”,
Universidade Federal de
Minas Gerais, Belo Horizonte,
Brasil – cvb909@gmail.com

RESUMO: *A proposta do texto é delinear como Heráclito e Platão lidaram com o problema de usar a linguagem para falar do movimento. A perspectiva ontológica de que eles partem é quase oposta. Heráclito vê o mundo como movimento contínuo enquanto, para Platão, o que está em movimento participa, em alguma medida, das Ideias estáticas. É deste ponto de vista que no Teeteto (183b-c) Sócrates encarrega os Heraclitianos de criarem um novo discurso caso queiram falar da sua concepção de mundo. A observação tem um tom crítico, mas não parece estar muito errada se consultarmos os fragmentos do pré-socrático. Em B1 Heráclito declara discorrer segundo a natureza. Utilizando isso como justificativa tomo B67 como um paradigma de como o Efésio repete a ordem do mundo (kosmos) na ordenação dos seus discursos (logos). A primeira palavra, deus, seria o unificador, enquanto os pares de opostos subsequentes citados sem uso de conectivos (sincategoremas) demonstrariam esta união. Uma vez construída esta concepção retorno ao Teeteto onde Platão oferece outra estratégia de uso da língua para falar do movimento. Ao contrário de Heráclito, ele recorre aos sincategoremas para unir os opostos. Um mobilista deveria falar que algo é ‘assim’ (houtos) e ‘não assim’ mostrando, desta maneira, o estatuto ambíguo das coisas. Como este estatuto não é reconhecido por Platão trata-se de uma crítica à ontologia mobilista. O passo final é ver como Platão usa a linguagem para falar da sua ontologia*

* Artigo possibilitado por
financiamento FAPEMIG.

1 Minha perspectiva para tratar tanto de Heráclito quanto de Platão pode ser denominada unitarista branda. Isto quer dizer que busco alguma unidade nos diferentes escritos mas sem exigir que haja uma coerência plena entre todos ou que não possa haver passagens contraditórias, desde que estas contradições não sejam muito graves e tenham uma hipótese pertinente que favoreça uma leitura conjunta.

2 Ainda que provavelmente haja diferenças intencionais de Platão quando ele se refere a Heráclito ou aos Heraclitianos, estas nuances não serão tratadas como significativas aqui.

3 “Assim como seus próprios escritos eles (os Heraclitianos) simplesmente vão em frente. Neles não há nenhuma possibilidade de um debate com perguntas e respostas feitas com calma e alternadamente. Nada supera sua falta de quietude.” (*Teeteto*, 180a).

Celso de Oliveira Vieira^{**}

Introdução

Ao longo dos diálogos platônicos o filósofo mais associado ao pensamento do movimento é Heráclito. Diante da posição epistemológica de Platão segundo a qual o conhecimento necessita da estabilidade para existir não é surpresa que a caracterização de Heráclito ou dos Heraclitianos não seja das mais positivas. Por outro lado, apesar de receber uma caracterização mais positiva, Platão tampouco aceita o monismo radical de Parmênides que apresenta uma negação absoluta da existência de qualquer movimento. Esta posição menos radical do ateniense o obriga a falar também das coisas que se movem. Diante deste quadro o objetivo desenvolvido aqui será o de reconhecer e analisar algumas estratégias para falar sobre o movimento usadas por Heráclito e Platão¹.

O discurso dos Heraclitianos segundo Platão

Um bom ponto de partida para entender como Platão via o uso do discurso por Heráclito e pelos Heraclitianos² parece ser o *Teeteto*. Em 180a-b Teodoro, após caracterizá-los como tão inquietos quanto sua teoria mobilista³, diz que

particular. O discurso usado para se referir às Ideias repete a estratégia de recorrer aos syncategoremas uma vez que a Ideia de algo é dita ser algo 'em si' (autos). A conclusão é que enquanto Heráclito tenta suprimir sua linguagem das palavras que não têm referente além do discurso Platão recorre exatamente a elas para precisar sua referência.

PALAVRAS-CHAVE: Heráclito, Platão, Movimento, Discurso, Estilo.

ABSTRACT: *In this paper I intend to expose some relations between the way Plato and Heraclitus use language to talk about movement. The ontology from which they depart is almost opposite. Heraclitus sees the world as continuous movement while to Plato what is moving participates in stable Ideas. In this framework Socrates (Theaetetus, 183bc) advises the Heracliteans to craft a new language to express their world view. The advice has a critical tone but it does not seem to be wholly wrong if we consult Heraclitus' fragments. In B1 he claims to speak 'according to nature'. Based on that premiss I take B67 as a paradigm of how the presocratic repeats the world order (kosmos) in the order of his words (logos). The opening name, god, would be the unifier while the following pairs of opposites cited without syncategorematic connectors emphasize their continuous union. After exposing the ontological basis for this conception I return to the Theaetetus where Socrates offers his strategy to talk about a mobilist world. In critical tone he advises the Mobilists to talk of a thing as being 'thus' (houtos) and 'not thus'. That is how they would show the ambiguous status of moving things. Unlike Heraclitus we can see how this strategy relies on syncategorems to precise the movement. The final step is to verify this opposition in relation to the way Plato exposes his particular ontology. To talk about the Ideas he repeats the same strategy of using syncategorematic terms. The Idea of something is said to be the thing 'itself' (autos). The conclusion explores the fact that Heraclitus' language attempts to suppress words without an external referent (syncategorems) while Plato relies exactly on them to precise his referents.*

KEYWORDS: Heraclitus, Plato, Movement, Speech, Style.

eles: 1) “desenham (ἀποτοξεύουσι) frasezinhas enigmáticas” e ainda assegura que 2) “nada é estável no seu discurso ou na sua alma”. Desta forma o caráter imagético imitativo do discurso mobilista é declarado e justificado pelo fato de que as almas e

as palavras dos Heraclitianos estão em um mesmo estado, ou seja, em movimento. Esta crítica que aplica o movimento excessivo aos mobilistas é a mesma usada no *Crátilo* (411b) em que os sábios, de tanto estarem às voltas com as coisas, acabam por achar que as coisas é que estão girando e ainda em 440c tratado abaixo. Apesar do tom jocoso dos comentários o esforço vai ser de tentar reconhecer nos fragmentos de Heráclito justificativas para esta caracterização.

Um discurso obscuro segundo a natureza obscura

Na suposta abertura do seu livro Heráclito afirma (B1)⁴: “eu discorro de acordo com a natureza”. Em face de B123, no qual uma característica da natureza seria que ela “ama se encobrir” surge uma hipótese pertinente para o discurso segundo a natureza anunciado em B1. Este seria justamente um discurso que, em busca da precisão, imita a natureza do seu objeto. Deste modo, para se falar de um objeto críptico, deveria ser composto um discurso críptico⁵. Neste ponto se identifica a pertinência da caracterização feita por Teodoro do discurso mobilista como imagético. Ademais, indo além da crítica no intuito de entender a opção de Heráclito por este estilo, pode se supor uma justificativa didática para esta postura. Este seria um discurso que para ser entendido requer a mesma habilidade necessária para se entender a natureza, a de usar a razão comum para descobrir o encoberto (B2). Neste processo de interpretação o leitor acabaria por aprender a ler diretamente a natureza. Isso também é justificado por outros fragmentos em que Heráclito distingue a si mesmo da razão (B50)⁶, faz uma crítica à multi-instrução (B40)⁷ e ainda encoraja a uma percepção própria, desde que bem guiada pela razão (B107)⁸.

Evidenciadas as bases que justificam a opção por um discurso imagético nos fragmentos de Heráclito, convém verificar se o filósofo realiza esta proposta ao compor o seu discurso. Trata-se, portanto, de seguir a crítica de Teodoro para verificar se assim como a alma dos Heraclitianos também seus discursos seriam móveis. Para tanto será preciso

4 A numeração é aquela de Diels e Kranz, e as traduções são minhas. B1 apresenta uma associação entre “palavras e fatos” e não entre almas e palavras como disse Teodoro. Esta diferença mostra que o tom do Éfésio é mais cosmológico do que antropológico, ou, em termos modernos, se quer mais objetivo que subjetivo.

5 O paradigma desse tipo de discurso na época seria justamente o discurso oracular explicado em B93 que diz: “O senhor, do qual o oráculo é aquele em Delfos, nem diz nem encobre, só sinaliza.” Assim como quem sabe olhar a natureza é capaz de compreendê-la, quem aprender a reconhecer os sinais presentes no discurso irá compreendê-lo.

6 “Não de mim, mas da razão escutando, é sábio raciocinar todas as coisas serem um.”

7 “Multi-instrução não ensina o pensamento. Pois a Hesíodo teria ensinado e a Pitágoras, e ainda a Xenófanes e Hecateu.”

8 “Ruínas testemunhas para os humanos os olhos e ouvidos enquanto tenham almas bárbaras.”

ter em mente os dois tipos de mudança diferentes usados pelo filósofo para comprovar a sua teoria mobilista da união de opostos.

Dois tipos de mudança em Heráclito

Um tipo de mudança identificado nos fragmentos de Heráclito pode ser denominada diacrônica. Esta é a mudança segundo a qual alguma coisa que é A num tempo t1 passa a ser B em t2, em um processo que comprovaria que A e B são a mesma coisa. Um exemplo disso aparece em B36:

(A) vapores morrendo ao gerar (B) água,
(B) água morrendo ao gerar (A') terra,
da (A') terra (B) água se gera,
e (B) d'água (A) vapor.⁹

9 ψυχῆσιν θάνατος ὕδωρ γενέσθαι, ὕδατι δὲ θάνατος γῆν γενέσθαι, ἐκ γῆς δὲ ὕδωρ γίνεται, ἐξ ὕδατος δὲ ψυχῆ.

10 θάλασσα ὕδωρ καθαρώτατον καὶ μιαιώτατον ἰχθύσι μὲν πότιμον καὶ σωτήριον ἀνθρώποις δὲ ἄποτον καὶ ὀλέθριον.

11 ὁ θεός ἡμέρη εὐφρόνη χειμῶν θέρος πόλεμος εἰρήνη κόρος λιμός ἀλλοιοῦται δὲ ὄκωσπερ <πύρ> <δ> ὁπότεν συμμιγῆι θυώμασιν ὀνομάζεται καθ' ἡδονῆν ἑκάστου.

Ao se pensar o movimento imagético dessa declaração um quiasma é logo identificável. A frase é estruturada em ABBA para encenar a relação de vapor, água, água, terra, terra, água, água, vapor. Assim, a ordem das palavras imita a ordem do mundo de modo que quem compreende a estrutura do discurso se torna capaz de compreender o que a natureza esconde, a saber, que os opostos estão unidos. Assim temos um exemplo de como Heráclito apresenta sua cosmologia em congruência com um discurso segundo a natureza que imita a natureza.

O outro tipo de mudança que aparece nos fragmentos de Heráclito pode ser chamado de sincrônico. Neste caso uma coisa é dita ser A e B, ao mesmo tempo (t1), mas em relação a observadores diferentes. Um exemplo deste caso aparece em B61 onde se diz: “O mar: água puríssima e sujíssima. Aos peixes potável e saudável, mas aos humanos impotável e letal.”¹⁰

A situação aqui é diferente. Para provar que os opostos estão unidos Heráclito altera o observador externo. Para os peixes a água é potável mas para os humanos não. A estrutura usada recorre em outros fragmentos. Antes de mais nada ele coloca o objeto principal do discurso, o mar. Em seguida, apresenta os opostos a serem unificados, sujíssima e puríssima, para então, depois do impacto do paradoxo declarado, justificar que aos peixes ela é potável

e aos humanos não. Mais uma vez há um caminho didático, que, aqui, é invertido. Primeiro se mostra o que é difícil de entender, algo ser sujo e puro ao mesmo tempo, para, em seguida, persuadir o leitor da plausibilidade escondida na aparente contradição.

Para se aceitar estes dois tipos de mudança não é preciso supor que Heráclito as tinha categorizadas na sua cabeça. Mais plausível é que ele recorresse a todos exemplos possíveis para provar seu ponto sobre a união de opostos. Para isso ele acabou se valendo, principalmente, destes dois tipos de mudanças. Prova de uma concepção menos bem categorizada é que, por vezes, as mudanças diacrônicas e sincrônicas, e as duas estruturas esclarecidas acima, aparecem em um mesmo fragmento. O paradigma aqui é B67 cuja primeira parte diz: “Deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, fartura-fome”¹¹.

Mais uma vez Heráclito inicia o fragmento nomeando o elemento mais importante em questão. Em seguida, ele coloca pares de opostos em sequência. Nesta lista de pares encontramos ambos os tipos de mudança. A diacrônica no caso do dia e da noite que se alternam e a sincrônica como a fartura de um que pode ser a fome de outro. Além disso são identificáveis dois quiasmas. Primeiro, aquele do (A) dia, (B) noite, (B') inverno e (A) verão, onde dia e verão se equivalem bem como noite e inverno, e outro, entre (A) guerra e (B) paz, (B') fartura e (A') fome no qual a equivalência é entre guerra e fome e paz e fartura.

Mais interessante, no entanto, é outra particularidade formal da apresentação destes opostos. O fragmento vem sem verbo, sem predicação (como o Grego permite), sem conectores e, provavelmente (se fossem escritos), sem nem mesmo separação de espaço entre as palavras. Esta característica estrutural pode evidenciar, outra vez, uma tentativa intencional de informação através do aspecto formal do discurso. Não parece difícil supor que com a união dos nomes o autor quisesse expor a união das coisas. O discurso, despido de verbos predicativos ou conectores sincategoremáticos, representaria a natureza de maneira mais fiel sem recorrer a recursos exclusivamente linguísticos. Esta seria a maneira escolhida por Heráclito pra mostrar no discurso as

relações que passam despercebidas na natureza. O que os humanos vêem é o dia em oposição a noite, como duas coisas distintas. Envolvidos no processo eles não param para considerar que, de uma perspectiva total, os dois são partes de um contínuo. Talvez, diante do discurso, este distanciamento venha mais fácil e ajude o leitor a perceber a união dos opostos.

Esta postura identificável em Heráclito tem algo de comum com Platão. Ambos assumem que o objeto do discurso (sejam as Ideias ou a união de opostos) não é evidente. Porém, a estratégia de evidênciação é bem diferente. Heráclito ou um heraclitiano, ao imitar a natureza em palavras, acredita oferecer a oportunidade ao seu interlocutor de aprender a descobrir a natureza do que ele questiona. Nesse sentido, o comportamento satirizado por Teodoro no *Teeteto* não seria uma maneira de se furtar da discussão, pelo contrário, esta seria a maneira mais didática de incentivar o interlocutor a percorrer o seu caminho na busca pelo conhecimento. Para um heraclitiano, um texto sobre um assunto difícil tem que ser difícil. Além disso, como as relações entre as coisas não têm conectores linguísticos sincategoremáticos mas sim uma entidade existente unificadora, é esta que deve ser utilizada para mostrar a ligação dos referentes das palavras.

Uma vez definida a opção de Heráclito é hora de partir para o modo como Platão lida com o problema de falar de um objeto móvel, primeiro, no *Teeteto*, de um ponto de vista mobilista e, depois, no *Timeu*, num contexto mais explícito da teoria das Ideias.

Discurso mobilista no *Teeteto*

Em *Teeteto* 183ac Sócrates, ao propor uma maneira de falar sobre uma coisa que é mudança de opostos, diz que:

...eu disse 'assim' e 'não assim', mas não convém nem este 'assim' dizer, uma vez que o 'assim' também se moveria, e nem o 'não assim', pois tampouco isso seria movimento. Deve se estabelecer uma nova língua para estes [os Heraclitianos] que falam um tal discurso, já que o de agora não tem frases para a sua hipótese, a menos que o 'não assim' e o 'assim' lhes sirva para dizer o ilimitado¹².

Neste trecho Sócrates oferece, descarta e reoferece uma estratégia para os mobilistas usarem o discurso que é fixo para falar de um objeto móvel. Da sua perspectiva o problema com esta concepção de mundo é que ao usar um nome para se referir a um objeto mutante o objeto já teria mudado. Levado ao extremo este caso impossibilitaria a referência. É como se nos segundos que alguém emprega para falar 'dia' o dia virasse noite e toda a sentença se tornasse falsa. Este problema leva à conclusão de que os mobilistas precisam de uma nova linguagem para falarem sobre a sua concepção de mundo.

Como vimos, existem sim traços de uma tentativa nos fragmentos de Heráclito. Em B67, ao dizer “Deus: dia-noite” ele abandona os conectores linguísticos para expor a conexão real. A solução proposta por Sócrates no trecho supracitado, no entanto, é oposta à do Efésio. Ele utiliza justamente um termo sincategoremático e sua negação para tentar abarcar o processo de mudança do objeto do discurso para assim garantir a sua veracidade. Segundo esta sugestão, para falar do 'dia' seria aconselhável falar de um 'dia assim e não assim (assim ou assado?)' onde o 'não assim' garantiria o sucesso da referência mesmo durante ou após a mudança do dia para a noite. Neste cenário heraclitiano sugerido por Sócrates a tentativa não é fazer a linguagem imitar o seu objeto suprimindo os elementos exclusivamente linguísticos, mas antes usar estes elementos linguísticos para dar conta da difícil tarefa referencial de abarcar dois opostos simultâneos.

Uma vez que a proposta de Sócrates parece se opor à preferência de Heráclito por despir a linguagem de elementos puramente linguísticos não é possível encontrar um tal uso do 'assim e não assim' nos fragmentos do Efésio. Por outro lado, a estrutura de se utilizar uma palavra (não um termo sincategoremático) e a sua negação para abarcar a totalidade da mudança entre opostos acontece em alguns fragmentos. Em B10 há 'todo e não todo', em B32 Zeus 'quer e não quer' ser dito por este nome, em B49a 'entramos e não entramos' no mesmo rio¹³, e em B96 as coisas que 'vimos e as que não vimos'. Pode ser, então, que Platão considere o que ocorre nos fragmentos - falar A e não A para abarcar os opostos-, e proceda a uma generalização, recorrendo

12 ὅτι “οὕτω” τε εἶπον καὶ “οὐχ οὕτω.” δεῖ δὲ οὐδὲ τοῦτο <τό> “οὕτω” λέγειν – οὐδὲ γὰρ ἂν ἐτι κινοῖτο <τό> “οὕτω” – οὐδ’ αὖ “μὴ οὕτω” – οὐδὲ γὰρ τοῦτο κίνησις – ἀλλὰ τιν’ ἄλλην φωνὴν θετέον τοῖς τὸν λόγον τοῦτον λέγουσιν, ὡς νῦν γε πρὸς τὴν αὐτῶν ὑπόθεσιν οὐκ ἔχουσι ῥήματα, εἰ μὴ ἄρα τὸ “οὐδ’ οὕτως” μάλιστα [δ’ οὕτως] ἂν αὐτοῖς ἀριόττοι, ἀπειρον λεγόμενον.

13 B49a é uma versão tardia de Heráclito, o Retor para os chamados ‘fragmentos do rio’. A ocorrência mais antiga deste fragmento se encontra precisamente em Platão. No *Crátilo* (402a) ele escreve que Heráclito teria dito que “não se entra duas vezes num mesmo rio”. Nesta ocorrência não ocorre a oposição “entramos e não entramos”. Esta diferença, em face da presente investigação, suscita a hipótese de que a versão de B49a talvez seja uma hiper-correção feita a partir da crítica que Sócrates dirige ao pensamento de Heráclito. Entretanto, não haverá tempo para desenvolver a questão aqui.

a um termo sincategoremático sem referente fora da linguagem. O resultado é uma fórmula linguística geral o bastante para ser aplicada a todos os casos. Desta maneira pode se dizer o fogo assim e não assim (em vez de fogo e água), o dia assim e não assim (em vez de dia e noite) ou qualquer X assim e não assim para se referir ao mundo mutante.

Assim sendo, pode se dizer que no *Teeteto* há duas declarações coerentes entre si sobre os Heraclitianos, mas que, dependendo da leitura, podem evidenciar uma incoerência na crítica que Platão pretende dirigir a eles. Primeiro Teodoro critica o estilo de se expressar dos Heraclitianos por ser imagético e sucinto, mas depois ele concorda com Sócrates que os mobilistas precisariam criar uma nova linguagem para expor suas ideias. Estas duas posições são incoerentes se se supuser que o estilo criticado (sucinto e imagético) é justamente a criação de uma nova linguagem para mostrar a ordem mobilista do mundo (como se defendeu que seria a intenção de Heráclito). Por outro lado, como a sugestão de Sócrates para falar do movimento é outra as duas hipóteses, pelo menos internamente ao diálogo, não são contraditórias. No entanto o problema de se falar do mundo mutante vai além do *Teeteto*. No *Timeu*, em um contexto menos mobilista e mais ligado à teoria das Ideias, é sugerida uma outra solução que convém ser examinada.

Falar do movimento no *Timeu*

Platão ensaia no *Timeu* uma outra versão para um discurso acerca das coisas em movimento. Ele não usa 'assim' e 'não assim' como na generalização do esquema identificável nos fragmentos em Heráclito já que o contexto da discussão não é mais um questionamento do mobilismo heraclitiano. A nova solução é um pouco menos contraditória, mas segue a mesma linha. Em vez de usar duas expressões polares para qualificar um termo ele recorre a uma expressão mais indeterminada que pode ser traduzida como 'algo como isso'. Em 49d-e *Timeu* diz para Sócrates que:

Sempre o que vemos se tornar outro ao longo do tempo (*allote*), como o fogo, [deveria se] pronunciar, não 'este' (*touto*) [fogo], mas sim 'algo como' o fogo

(*toiouton*). (...) As frases indicadoras (*deiknytes toi rhemati*) 'este' ou 'isto' (...), que indicam alguma existência estável (*monima*), (...) não são para dizer isto, mas [deve se] chamar de 'algo como' cada coisa e tudo que está sempre se revolvendo. (...) Aquilo a partir do que cada um destes se manifesta e também que os extingue, só a este é que [se deve] pronunciar utilizando os nomes 'este' e 'isto'.¹⁴

É tentador tomar por significativo o fato de o primeiro exemplo usado por Platão ser o fogo. Isto porque Heráclito é considerado o pensador do movimento e do fogo, tendo sido usado inclusive a característica de o fogo ser aquele que mais se movimenta dos elementos como uma justificativa para a escolha do filósofo de fazê-lo a base do seu cosmos. Quer se aceite ou não esta referência não nominal ao pensamento de Heráclito, fica evidente que nesta passagem *Timeu* está tentando lidar com o mesmo problema aludido no *Teeteto*, a saber, como falar do movimento. No entanto, a aceitação de que as coisas que vemos estão em movimento e que a linguagem deve tentar falar delas aparece aqui somada a um outro traço central da filosofia platônica ausente no *Teeteto*. No *Timeu*, como na maioria dos outros diálogos, o que se move é analisado em oposição ao fato de que existe algo estável.

Neste trecho a oposição entre móvel e estável, em termos de estratégia linguística, é colocada através da oposição entre o demonstrativo definido 'este' (*touto*, *tode*) e sua versão indefinida 'algo como' (*toiouton*). A oposição aqui, portanto, não é mobilista como no *Teeteto*, entre fogo e água (ou não fogo), mas antes entre o fogo estável invisível e o fogo móvel perceptível. Para tanto se utiliza a oposição entre o demonstrativo definido para falar do estável e o indefinido para falar do mutante. Esta seria uma opção para enfatizar que o que é determinado, definido e estável é a Ideia da qual a coisa móvel tem alguma relação de subordinação. O que é móvel, por sua vez, deve ter seu caráter indefinido, mutante e indeterminado enfatizado pelo uso de um pronome indefinido.

Esta diferença mostra que Platão enfrenta o problema posto pela dificuldade de se falar do movimento de uma maneira diferente daquela dos

14 αἰεὶ ὁ καθορώμεν ἄλλοτε ἄλλη γιγνώμενον, ὡς πῦρ, μὴ τοῦτο ἀλλὰ τὸ τοιοῦτον ἐκάστοτε προσαγορεύειν πῦρ, (...) ὅσα δεικνύντες τῷ ῥήματι τῷ <τόδε> καὶ <τοῦτο> (...) ὅση μόνιμα ὡς ὄντα αὐτὰ ἐνδείκνυται φάσις, ἀλλὰ ταῦτα μὲν ἕκαστα μὴ λέγειν, τὸ δὲ τοιοῦτον αἰεὶ περιφερόμενον ὁμοιον ἐκάστου πέρι καὶ συμπάντων οὕτω καλεῖν, (...) ἐν ᾧ δὲ ἐγγιγνώμενα αἰεὶ ἕκαστα αὐτῶν φαντάζεται καὶ πάλιν ἐκείθεν ἀπόλλυται, μόνον ἐκεῖνο αὐτὸ προσαγορεύειν τῷ τε <τοῦτο> καὶ τῷ <τόδε> προσχωρούμενος ὀνόματι

mobilistas. Para ele o problema não reside em captar o movimento entre opostos, ou em representá-lo de maneira imagética, mas antes em assegurar a diferença de referência ao se tratar do estável e do móvel. Assim, pode se dizer que a solução do *Timeu* é mais platônica que a do *Teeteto* porque trata do ponto central na questão do movimento sob uma perspectiva da teoria das Ideias. Esta solução parte do princípio que não é tudo que está mudando, pelo contrário, o tipo mais importante de entidade seria justamente aquele estável.

A oposição entre estáveis e móveis, e a linguagem usada para se referir a eles, leva a um problema de referência. Isto porque haveria, pelo menos, dois tipos de discurso diferenciáveis de acordo com seus referentes. Este será o objeto de discussão do próximo tópico.

Dois tipos de discurso em Platão

Ainda no *Timeu*, em 28a, a personagem-título separa as coisas mutáveis das estáveis. As estáveis são as que são sempre e são objeto da razão enquanto as que estão sempre surgindo são objeto da sensação. Em seguida, em 29b-c, ele aplica esta distinção ao âmbito da linguagem e deixa claro que:

...o [discurso] sobre o estático e estável que é acessível pelo intelecto (é) estático e estável (...) enquanto o [discurso] sobre aquilo que é uma imagem acaba sendo uma imagem análoga às imagens daquilo que existe. [Nos dois tipos de discursos] assim como a existência está para a geração, a verdade (do primeiro) está para a crença (no segundo)¹⁵.

Resumindo, a divisão proposta por *Timeu* é que quando se fala do estático e estável o discurso é estático e estável e visa uma verdade estática e estável (ou simplesmente uma verdade segundo o pensamento de Platão). Mas nem todo discurso tem por objeto estas entidades estáveis. Existe também o discurso sobre o que está em movimento. Este discurso não tem uma verdade fixa e trata apenas da opinião humana. Em vista disso parece legítimo entender o discurso filosófico estar em relação com a verdade por tratar de um objeto estável enquanto

o uso cotidiano da linguagem para comunicação entre humanos sobre percepções sensíveis está relacionado com a opinião¹⁶.

Porém, uma tal divisão, ainda que esclarecida teoricamente, levaria a um problema prático de se saber quando um discurso tem por objeto algo mutante ou algo estável. Este problema se apresenta na questão da homonímia. As pessoas usam os mesmos nomes para falar tanto da coisa estática, que participa na coisa mutável, quanto da coisa mutável, que toma parte da estável. Esta questão é tratada também no *Timeu*, em 52a:

Uns são investigáveis pelo intelecto, mas outros, que são homônimos e parecidos àqueles, porém secundários, perceptíveis, gerados e sempre em movimento (pois surgem em algum lugar e depois perecem) são dados à investigação pela opinião e através dos sentidos¹⁷.

Essa passagem indica bem como se pensa a linguagem a partir da ontologia. As coisas sensíveis surgem das estáticas e são parecidas com elas. Da mesma maneira os nomes das coisas sensíveis surgem dos nomes das coisas estáticas. Em conformidade com esta prioridade dos nomes das coisas estáveis vimos que Platão usou pelo menos duas propostas para enfatizar quando está falando de coisas móveis.

1) Pode se enfatizar seu caráter mutante ao falar 'o fogo assim e não assim' e 2) deve se evitar usar demonstrativos definidos para tratar das coisas mutantes como 'este' fogo. O melhor seria falar de 'algo como o fogo'. Estas soluções estão em conformidade com sua teoria, pois priorizam as entidades estáticas ao propor novas formas para se chamar as coisas mutantes. Porém, Platão provavelmente sabia que a maioria das pessoas geralmente conversa sobre suas opiniões acerca das coisas mutantes em oposição ao discurso filosófico que buscaria a verdade estática. Esta pode ser uma razão para uma incoerência que se encontra nos seus diálogos em relação ao plano de uso da linguagem apresentado acima.

Platão não costuma usar as expressões sugeridas para falar das coisas móveis. Sua opção é a contrária, ele cria expressões particulares é para falar das coisas estáticas. Desta maneira, em vez de expressões qualificativas como 'de certa maneira' para

15 τού μὲν οὖν μονίμου καὶ βεβαίου καὶ μετὰ νοῦ καταφανοῦς μονίμου καὶ ἀμεταπτώτου (...) τοῦς δὲ τοῦ πρὸς μὲν ἐκείνο ἀπεικασθέντος, ὄντος δὲ εἰκόνος εἰκότας ἀνὰ λόγον τε ἐκείνων ὄντας· ὅτιπερ πρὸς γένεσιν οὐσία, τοῦτο πρὸς πίστιν ἀλήθεια.

16 Uma tal distinção pode ser vista como um desenvolvimento das duas partes do poema de Parmênides, o caminho da verdade e o caminho da opinião.

17 τοῦτο ὁ δὴ νόησις εἰληχεν ἐπισκοπεῖν· τὸ δὲ ὁμώνυμον ὁμοίον τε ἐκείνῳ δεύτερον, αἰσθητόν, γεννητόν, πεφορημένον αἰεὶ, γιγνόμενόν τε ἐν τινὶ τόπῳ καὶ πάλιν ἐκείθεν ἀπολλύμενον, δόξη μετ' αἰσθήσεως περιληπτόν·

18 Esta concessão não é das maiores pois Platão reconhece, no *Crátilo* principalmente, o caráter convencional da capacidade descritiva dos nomes. Como o importante é assegurar a referência certa, pois o discurso não imita mas trata das entidades estáticas, ele prefere recorrer a esta estratégia de usar expressões qualificativas para garantir que está tratando do estático.

tratar das coisas mutantes ele usa expressões como 'em si' ou 'a ideia de' ou 'nela mesma' para marcar quando fala das entidades estáticas¹⁸. O que ele marca na linguagem é quando fala do primordial, da beleza em si, da ideia da beleza ou da beleza ela mesma.

Conclusão

A divisão entre o estático que fala do estático e uma opinião móvel que fala da mudança, bem como a caracterização das almas e palavras móveis dos mobilistas, podem formar um princípio interessante para se entender como Platão criticava as tentativas de Heráclito de falar do movimento. Porém, não só a crítica não corresponde com exatidão ao que se vê nos fragmentos do pré-socrático como também, a partir de um exame mais imparcial, surgem mais pontos em comum entre os dois do que as personagens dos diálogos platônicos admitem.

Analisados a partir da perspectiva do pensamento de cada um pode se supor alguns pontos em que eles se parecem e outros em que discordam. Em relação ao que foi examinado anteriormente os pontos em comum entre os dois pensadores são dois: 1) O discurso verdadeiro é sobre o objeto da razão e 2) o discurso verdadeiro é sobre o objeto verdadeiro, logo a verdade está na razão. Duas também são as principais diferenças. 1) O objeto do discurso verdadeiro para Platão é estático e para Heráclito é móvel. 2) O estilo para criar um discurso verdadeiro sobre um objeto verdadeiro para Heráclito é imitá-lo enquanto que para Platão o mais importante é garantir quando se faz referência ao móvel ou ao estável.

Sobre as correspondências convém esclarecer que, para Heráclito, assim como para o discurso sobre o estável em Platão (mas diferente do Heráclito de Platão), o discurso verdadeiro mostraria aos humanos o que eles não conseguem ver com os olhos mas deviam entender com a razão. O que difere os dois nesse caso é a sua concepção sobre o objeto do discurso verdadeiro. Para Heráclito a verdade não tem a necessidade de ser estática como para Platão. Esta diferença se mostra também na diferença do estilo de discurso entre os dois.

Para imitar a organização móvel do cosmos na estrutura do seu discurso Heráclito apresenta os

nomes dos elementos na ordem da sua relação recíproca no mundo, fazendo uso do quiasma entre os pares de opostos, e colocando a entidade unificadora como primeiro elemento. Além disso ele economiza nos elementos exclusivamente discursivos no seu texto como conectores, pronomes e o verbo 'ser' copulativo. Um exemplo é B67 onde ele diz "Deus: inverno-verão...".

Platão, por sua vez, rejeita que um discurso imitativo seja a melhor maneira de falar do movimento ou do estável. Para ele, a preocupação é garantir quando o referente é algo móvel, objeto da opinião, ou o objeto estável do conhecimento. Para marcar a fala do móvel ele defende usar os pronomes indefinidos de maneira a enfatizar sua incerteza enquanto defende que os pronomes definidos deveriam ter uso restrito ao se apontar para referentes estáveis. Porém, o que ele faz mesmo, é marcar quando fala das ideias estáveis com expressões particulares como em a beleza 'em si' ou 'a ideia' da beleza.

Estas opções estilísticas mostram ainda um ponto de partida comum entre os dois filósofos, aquele de escolher maneiras particulares de expressar o que há de mais particular nos seus pensamentos. Uma vez que acreditam apresentar algo inédito os dois optariam também por uma maneira inédita de apresentação. Nesta preferência estaria implícito o temor de que um mau uso da linguagem acabe levando a um mau entendimento na compreensão da realidade. Assim, junto com a apresentação de uma nova interpretação da realidade, vem também uma nova proposta de uso da linguagem para torná-la clara. Nesta postura Heráclito faz menos concessões e cria um discurso mais obscuro enquanto que Platão usa expressões mais correntes para garantir a referência de seu texto.

Bibliografia

- DIELS, H.; KRANZ, W. (1960-61). *Die Fragmente der Vorsokratiker*, vol.1. Berlin: Weidmann.
- CHANTRAINE, P. (1968). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. 2 Volumes. Paris: Klincksieck.
- COLVIN, M. (2007). Heraclitean Flux and Unity of Opposites in Plato's Theaetetus and Cratylus, *CQ*, Vol.57, No.2, p.759-769.

DEMOS, R. (1946). Types of Unity According to Plato and Aristotle, *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 6, No.4, p. 534-546.

DANCY, R. (2004). *Plato's introduction to Forms*, Cambridge, University press.

DIXSAUT, M.; BRANCACCI, A. (eds.), (2002), *Platon source des Présocratiques*. Paris: Vrin.

ELSE, G. (1936). The Terminology of the Ideas, *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 47., p. 17-55.

FLAKSMAN, A. (2009). *Aspectos da Recepção de Heráclito por Platão*, (Tese) PUC-RJ, Rio de Janeiro.

IRWIN, T. (1977). Plato's Heracleiteanism, *The Philosophical Quarterly*, Vol. 27, No.106, p. 1-13.

MARCOVICH, M. (2001). *Heraclitus: Greek Text with a Short Commentary*, Sankt Augustin: Academia.

BERNADETTE, S. (2006). *The Being of the Beautiful: Plato's Theatetus, Sophist, and Statesman*. Translated and with Commentary by Seth Benardete. Chicago: University of Chicago Press.

SEDLEY, D. (2002). *The Midwife of Platonism*. Oxford: University Press.

Submetido em Maio de 2015 e
aprovado em Junho de 2015.